

# CONHECENDO O AMBIENTE EDUCACIONAL DA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO FÉLIX DE AZEVEDO FORTALEZA/CE.

**Francisco Otávio Landim Neto**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC  
Universidade Federal do Ceará  
otaviogeo@oi.com.br

**Eciane Soares da Silva**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC  
Universidade Federal do Ceará  
ecianess@gmail.com

## **Introdução**

Este relato é fruto das experiências adquiridas no trabalho da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I, realizado na Escola de Ensino Fundamental e Médio Félix de Azevedo, na cidade de Fortaleza – CE. Esta disciplina tem por objetivo propiciar ao estudante da licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará o primeiro contato com o ambiente escolar, na medida em que o estudante tem a oportunidade de conhecer e analisar a organização física, administrativa e pedagógica da escola e acompanhar a prática do ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, se efetivou a primeira relação direta com a diretoria da escola e com a professora a qual se passava a observar. Posteriormente, foi realizado um reconhecimento da estrutura física da escola e em seguida, se conversou com funcionários técnicos administrativos, com a professora e alunos da quinta série B do turno manhã.

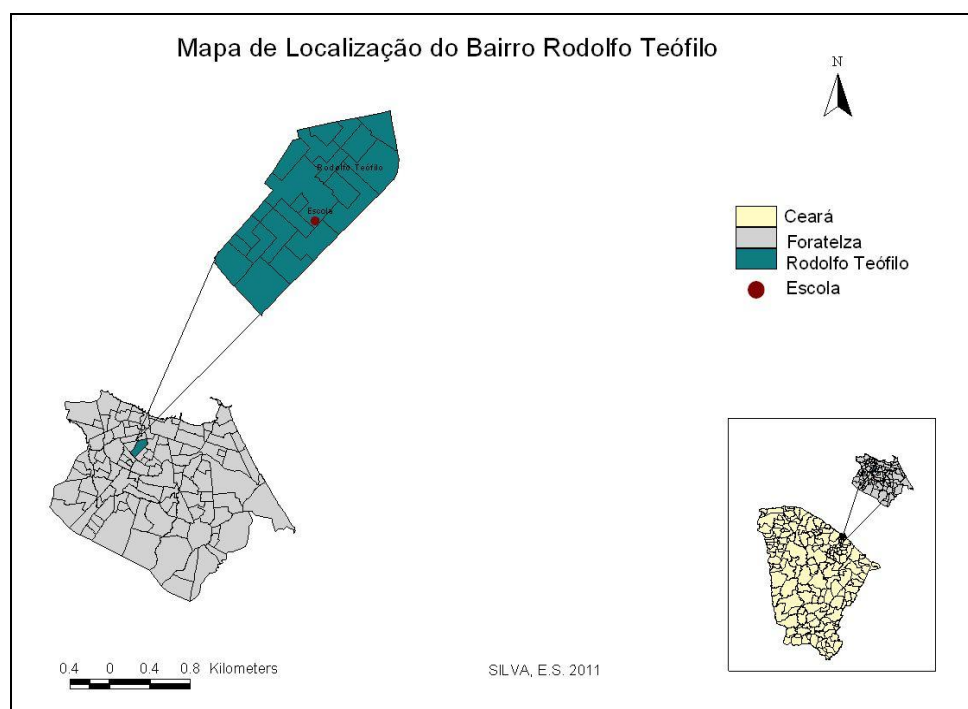
As atividades da disciplina no Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I iniciaram-se em março de 2009. No contato com a diretoria, a recepção foi agradável, pois esta não se mostrou em nenhum momento contrária à realização do estágio. O diretor, Sérgio Bezerra, gentilmente apresentou a professora (Regina Lúcia Jussara da Silva) da 5ª série B, na qual seria desenvolvido o trabalho. Ela também recebeu de modo satisfatório os estagiários.

A estruturação deste escrito é constituída por seis etapas, interligadas e complementares, sendo a primeira *o Lugar da Escola: Percepções sobre o Ambiente Escolar*; a segunda diz respeito ao *Diálogo com a Professora*. A terceira corresponde à

*Aula de Geografia*, a quarta versa sobre *as Percepções dos Alunos sobre a Escola* e, por fim, são apresentadas as *Considerações Finais*.

### O lugar da escola: percepções sobre o ambiente escolar

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Félix de Azevedo está localizada (figura 1) na rua Monsenhor Furtado, 757, no bairro Rodolfo Teófilo, Fortaleza - Ceará. A escola iniciou suas atividades em 1954, em uma casa de propriedade de Antônio dos Santos Teixeira, morador do bairro. A decisão de fundar a escola se constituiu um anseio da comunidade e assim foi fundada a Escola de Ensino Fundamental e Médio Félix de Azevedo, tendo sido as atividades educacionais iniciadas em 29 de janeiro de 1954.



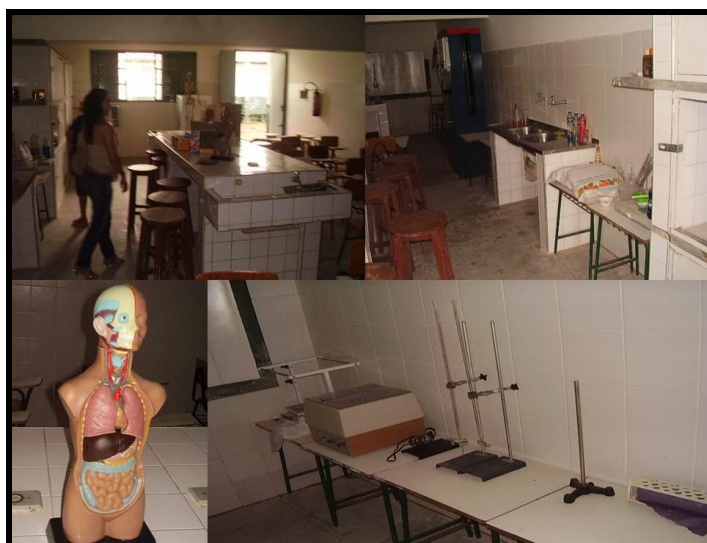
**Figura 1:** Mapa de Localização da Escola Felix de Azevedo Mapa. Fonte: SILVA, 2011

A estrutura física da escola é em parte composta por nove salas de aula em bom estado de conservação. A figura 2 representa a sala de aula, que possui quadros branco e negro, sendo possível a substituição do giz pelo pincel, melhorando as condições de trabalho do professor.



**Figura 2:** Sala de Aula da 5ª série B. Fonte: Landim Neto 2009.

O Laboratório de Ciências (figura 3) constitui um espaço escolar voltado para aulas práticas, possuindo equipamentos didáticos que estimulam a curiosidade dos alunos, como, por exemplo, bonecos anatômicos permitindo aos estudantes adquirir conhecimentos sobre o corpo humano. Conta, ainda, com equipamentos para as aulas de Química, uma estufa para esterilização dos materiais utilizados. É perceptível, contudo, um certo abandono, pois, diferentemente dos outros laboratórios, este estava com a estrutura deteriorada, necessitando de reforma, haja vista os problemas na rede elétrica e a ocorrência de infiltrações.



**Figura 3:** Mosaico de fotografias representativas do laboratório de ciências. Fonte: Landim Neto, 2009.

A biblioteca (figura 4) da escola está inserida em espaço amplo, com bom acervo de livros disponíveis para pesquisa dos alunos, alguns jogos, como, por exemplo, xadrez e quebra-cabeça, utilizados pelos estudantes no horário do intervalo das aulas. A funcionária responsável pela biblioteca realiza os encaminhamentos das atividades inerentes a este espaço educacional.



**Figura 4:** Biblioteca da Escola de Ensino Fundamental e Médio Félix de Azevedo.  
Fonte: Landim Neto, 2009.

Com o intuito de verificar a compreensão da escola sobre a educação, faz-se necessário realizar breve análise de alguns pontos presentes no projeto político-pedagógico da unidade sob exame, a concepção de sociedade e educação, bem como a referência teórica que norteia a proposta da escola. Um elemento importante da organização escolar diz respeito ao projeto político-pedagógico que, conforme Libâneo (2006.p.178),

[...] é proposto com o objetivo de descentralizar e democratizar a tomada de decisões pedagógicas, jurídicas e organizacionais na escola, buscando maior participação dos agentes escolares. Previsto pela nova LDB/96 como proposta pedagógica(art. 12 e 13) ou como projeto pedagógico (art. 14, inciso I), o PPP pode significar uma forma de toda a equipe escolar torna-se co-responsável pelo sucesso do aluno e por sua inserção na cidadania crítica.

O projeto pedagógico visa a planejar ações desenvolvidas na escola. É um instrumento organizador das atividades escolares e deve ser formulado com a participação dos agentes envolvidos no processo educacional. Para que isso ocorra de

fato, a concretização das orientações contidas nesse documento deve ser coerente com a realidade da escola. A ideia de educação é exposta no projeto político-pedagógico da escola:

“Uma educação transformadora que possa levar o homem a sua plenitude e moral, social e religiosa; Preparação de pessoas capazes de atuar de forma positiva na sociedade; Educação que leve o homem a exercer sua cidadania e concidadania; Escola comprometida com a sociedade, garantindo a estabilidade do ser humano”. (CEARÀ, 2005 p.4).

A ação educacional da escola deve ser constituída pelos agentes educativos, dentre os quais se destaca o papel da comunidade (pais, mães, familiares dos alunos) que atualmente se encontra distante da escola. Então como a escola pode ser reconhecida como referência dentro da comunidade? Corrobora a ideia de Cavalcanti (2002.p.72), para quem a escola é

[...] um espaço de encontro e de confronto de saberes produzidos e construídos ao longo da história pela humanidade. A escola lida com a cultura, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares. A geografia escolar é uma das mediações através das quais esse encontro e confronto se dão.

A escola deve abranger um conjunto de agentes com professores e alunos, para constituir uma Geografia que deve ser trabalhada como ferramenta de apropriação da vida, considerando o conhecimento como uma forma de autoconhecimento e, portanto, de possibilidade emancipatória. Nessa perspectiva, Landim Neto e Dias (2011, p.03) são categóricos em acentuar que

A Geografia constitui-se uma ciência social e, ao ser estudada, deve considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser descontextualizada da realidade do aluno, muito menos de difícil compreensão. Ela não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes e/ou de fragmentos do espaço.

Os professores de Geografia devem ter possibilidade de pensar o mundo, tarefa fundamental para o educador, pois este mundo se apresenta e/ou é apresentado de forma fragmentada e se materializa nos vazios deixados por diversos meios de comunicação. O professor, então, deve se apropriar dessa comunicação falha, na tentativa de proceder a leitura articulada e problematizada com a realidade de seus alunos.

Foi realizada uma análise dos agentes do cotidiano escolar, atuando na administração, setor pedagógico da escola, e nos serviços gerais, sendo que se buscou entender a trajetória de formação de alguns funcionários, a saber: diretor, coordenadora pedagógica e a professora com a qual o trabalho foi efetivado.

A direção da escola era exercida (2009) por Carlos Alberto Dias Pinheiro, que possui formação superior, licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É especialista (*lato sensu*) em Gestão Educacional, pela Universidade Corporativa dos Esportes (UDESPE). Ele trabalha na escola há quatro anos, durante os quais ministrou as disciplinas Geografia e História no Ensino Fundamental e Médio. Mostrou-se preocupado quanto ao aspecto disciplinar dos estudantes, sendo que, para melhorar o quadro de relacionamento, propõe trabalhar o disciplinamento na escola, como, por exemplo, o cumprimento dos horários.

A coordenação pedagógica é exercida por Francisco de Assis Gomes, professor com licenciatura plena em Química, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É graduado em Odontologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e possui diploma de especialização em Metodologia do Ensino, fornecido pela antiga Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR). O coordenador possui 40 anos de experiência na rede estadual de ensino. Já ministrou aulas de Química, Física, Biologia e Educação Física.

A professora Luzilene Oliveira, do corpo docente da escola, presidente do Conselho Escolar, demonstrou preocupação referente à inexpressiva participação dos pais dos alunos nas decisões tomadas pelo Colegiado que preside. Consoante exprimir, tal ocorre porque a maioria dos pais tem que trabalhar e eles não dispõem de tempo para participar das reuniões e atividades da escola. No que concerne a este ponto suscitado pela professora Luzilene, Tedesco impõe ênfase na noção de que

[...] Os docentes apercebem-se deste fenômeno todos os dias e uma das queixas mais freqüentes é a de que as crianças chegam a escola com um núcleo básico de socialização insuficiente para encarar com êxito a tarefa da aprendizagem. Dito de uma forma esquemática quando a família socializava, a escola podia dedicar-se a ensinar. Agora que a família não cumpre, plenamente o seu papel socializador, a escola só não pode efetuar a sua tarefa específica com a eficácia do passado, como também começa a ser objeto de novas exigências para as quais não está preparada. (2008.p.90).

Então, um dos problemas mais sérios que enfrenta, atualmente, a formação do cidadão é o que se pode chamar de “deficit de socialização”, que caracteriza a sociedade atual. Vive-se num período em que as instituições educativas tradicionais, em espacial a família e a escola, estão perdendo a capacidade de transmitir e constituir eficazmente os valores e modelos culturais de coesão social.

### **Diálogo com a professora**

Com cristas a conhecer e entender a profissional que se observaria, como também vislumbrar o mundo da profissão docente, foram realizadas entrevistas com a professora Regina Lúcia Jussara da Silva. Ela relatou que faz 32 anos que está na área de ensino, sendo que 29 dedicados à Escola de Ensino Fundamental e Médio Félix de Azevedo. Sua formação inicial se deu após o término do Ensino Fundamental, sendo que posteriormente fez o pedagógico. A docente ministrou aulas por 23 anos apenas com essa formação, sendo que, no ano de 2000, teve oportunidade de fazer um curso superior em Pedagogia, intitulado Magistério, com habilitação em Educação Física e Artes, com duração de quatro anos.

Na escola em foco, ela possui carga horária de 200 horas mensais, atuando como professora polivalente nas disciplinas Português, Matemática, Geografia, Ciências e Artes. Deixa claro que gosta de trabalhar na escola com boa infraestrutura de ensino. Dentre as dificuldades apresentadas, ressalta gostar de ministrar aulas, porém está cansada. Outro fator apontado diz respeito à relação com os alunos. Para ela, é tranquila apesar de haver momentos nos quais alguns estudantes não se comportam bem, principalmente aqueles fora da faixa etária para a série. Perguntado se ela consegue perceber quais os motivos dos problemas desses alunos, ela respondeu: eles possuem famílias desestruturadas que transferem a reponsabilidade integral de educar para a escola.

Sobre a prática do ensino em Geografia, relatou não gostar de ensinar a disciplina de Geografia, porquanto sente dificuldades em entender os conteúdos, como, por exemplo, a cartografia e outros que ela não soube mencionar, pois não estava com o livro didático em mãos. Ainda relata o fato de, algumas vezes para suplantar as dificuldades, ser necessário solicitar ajuda aos colegas formados em Geografia, como, por exemplo, o atual diretor da escola. Outras questões lançadas à professora versam sobre a sua participação em algum sindicato, se ela possui tempo para planejar as aulas

e como utiliza os recursos didáticos. A docente participa da Associação dos Professores do Ceará – APEOC, porém não é uma sindicalista atuante, pois informa: “o sindicato só serve para descontar três por cento do salário”. Já em relação ao tempo para o planejamento, e a utilização dos recursos didáticos nas aulas, informa possuir dois sábados ao mês para realizar as atividades de planejamento na escola e se utiliza de recursos didáticos como lousa, mapas, sala de informática e biblioteca.

Com base no seu relato, constou-se o fato de a professora não possuir a formação inicial em Geografia, e não gostar de lecionar tal disciplina, pois tem dificuldades no entendimento dos conteúdos inerentes à disciplina refletindo na forma deficiente como é constituída e reconstituída a Geografia escolar de cada dia.

### **A aula de Geografia**

Em abril de 2009, efetivou-se o primeiro contato com a turma do 5º ano B, do turno manhã, na qual se desenvolveriam as atividades do Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I. Ao chegar à sala de aula, a professora não se encontrava, e estava ocorrendo uma briga entre dois alunos. Posteriormente, ela chegou e repreendeu os alunos da briga, levando-os, a Coordenação Pedagógica.

Alguns alunos, percebendo a presença dos estagiários em frente à sala de aula, vieram a perguntar: “O tio vai ensinar a gente?” “O que vocês estão fazendo aqui?”. Nesse momento, a curiosidade dos alunos com relação à presença dos estagiários ficou perceptível. Verificou-se também um elevado número de alunos, presentes no interior da sala de aula, bastante ativos, não paravam de se movimentar. Vale ressaltar o fato de, no primeiro contato, não foi realizado nenhum acompanhamento dentro da sala de aula, pois, nesse dia, a programação dos estagiários consistia em realizar os primeiros contatos com a direção da escola e com a professora.

Dentre as propostas do Estágio Supervisionado Curricular em Geografia I, foi realizado um acompanhamento de caráter observatório referente ao desenvolvimento da prática docente no ensino de Geografia na 5ª série do Ensino Fundamental, buscando desenvolver uma análise crítica do processo de ensino-aprendizagem na disciplina Geografia. Compreende-se a aula como um momento de elaboração coletiva entre o professor aqui tido como educador, juntamente com os estudantes, propiciando constituir uma aprendizagem geográfica significativa. Na ideia de Souza Neto (2008, p. 19), as aulas são



[...] aquele momento e lugar em que devemos dar o melhor de nós e despertar o que há de melhor nos outros. A aula como celebração da vida e não da morte, como diálogo criativo, como vir-a-ser e não como tendo sido sempre, como luta contra tudo aquilo que nos oprime e não com entrega ao que nos oprime”. (SOUZA NETO, 2008. p.19)

As aulas de Geografia, ministradas pela professora polivalente, foram elaboradas e desenvolvidas com o suporte da leitura coletiva do livro didático pelos alunos e professor, incentivando, assim, o desinteresse em muitos estudantes que percebem a aula de Geografia como algo desagradável, cansativo e enfadonho. Percebeu-se ainda, em uma das aulas acompanhada, a professora indagar aos alunos se eles sabiam qual era a matéria a ser abordada na aula. Ninguém respondeu. Então, em seguida foi solicitado aos estudantes abrirem seu livro didático, a saber: *Ceará Geografia: Uma Discussão para a Cidadania*.

O capítulo a ser estudado versava sobre *As diferentes paisagens naturais e artificiais*. A professora solicitou uma leitura individual que seria realizada em dez minutos. Não obteve êxito, pois a docente se ausentava constantemente da sala de aula, enquanto os alunos saíam dos seus lugares e ficavam conversando com os colegas.

De volta à sala de aula a docente propôs que cada aluno realizasse uma leitura em voz alta. Novamente sem sucesso, pois ela saiu novamente da sala, porém dessa vez, deixou a responsabilidade da coordenação da leitura a ser efetivada por uma aluna, tornando a segunda leitura um caos, pois os alunos começaram a conversar. A estudante encarregada começou a gritar, pedindo silêncio, porém os demais colegas debochavam da colega “professora”.

Este fato de transferir tamanha responsabilidade para uma aluna, de tomar conta de uma sala de aula com quase 40 crianças, é preocupante, haja vista o fato de a aluna não ter a responsabilidade de administrar a turma na ausência da professora, e, sim o papel de estudar. Esse ato da docente demonstra graves falhas didáticas, depreendendo-se, então, a existência da falta de compromisso em relação ao ensino de Geografia ministrado para a turma.

Outra incoerência presente na ação pedagógica da professora diz respeito ao apego exagerado ao livro didático, pois, faz leituras e exercícios com apoio apenas no livro, não buscando outras fontes de obtenção de informações com vistas a contribuir no desenvolvimento do ensino de Geografia, como também não procura discutir e

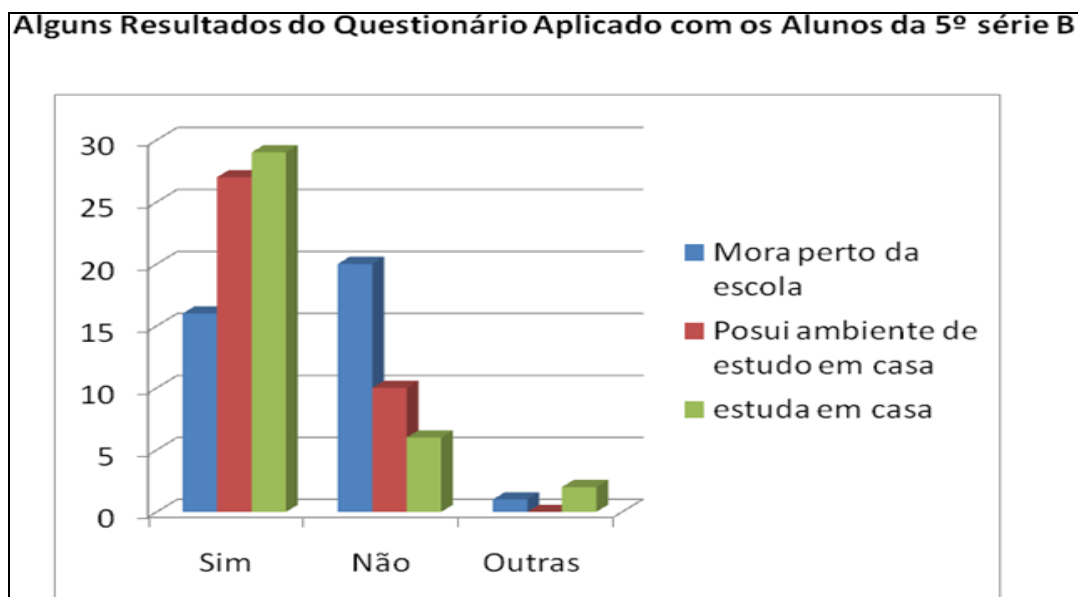
estabelecer os conceitos referentes à temática da aula; apenas reproduz o exposto no livro didático. A respeito disso, Sousa Neto (2008 p. 25) é claro ao assinalar: “se a formação profissional for desqualificada, os professores tenderão a ver nos livros e nos currículos prescritos a sua tábua de salvação e reproduzirão exatamente aquilo que está colado nas páginas”. Mediante observações realizadas na sala de aula, constatou-se a existência dessa realidade nas aulas ministradas pela professora.

É necessário que os professores deem significado à utilização do livro didático. Não adianta apenas os docentes quererem terminar os conteúdos contidos nos livros, pois, faz necessário tornar os conteúdos geográficos mais inteligíveis e significativos, acarretando a efetivação de uma prática que supere a simples reprodução dos conteúdos inseridos nos livros.

### **Percepções dos alunos sobre a escola**

Visando a verificar como ocorre a relação entre os alunos, escola e com a disciplina Geografia, foi aplicado um questionário com 36 alunos dos 40 da turma do 5º ano, cujas perguntas e respostas são analisadas a seguir. Dentre as questões inventariadas, procurou-se saber se os alunos moravam perto da escola. A maioria (20 alunos) respondeu não, e 16 alunos responderam sim, contudo é perceptível o fato de eles possuírem dificuldades de localização geográfica, pois muitos estudantes justificaram suas respostas com comentários do tipo “não, porque é longe a dois quarteirões”, ou “sim, a cinco quarteirões daqui”.

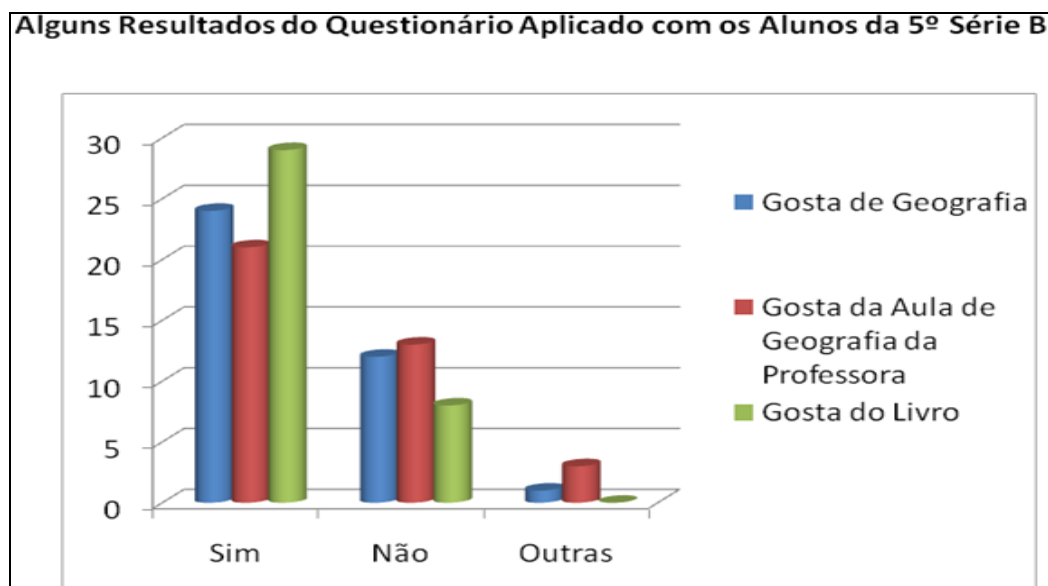
Visando a compreender como ocorre a relação de estudo dos alunos em outro ambiente que não seja o escolar, foi perguntado se eles estudam em casa e se possuem ambiente para realização de tal atividade. Com base nas respostas (podem ser visualizadas na figura 5) constatou-se o fato de a maioria estudar em casa, no entanto o número dos alunos contando com ambiente de estudo favorável é menor; quem respondeu não possuir um bom ambiente de estudos responsabilizou a vizinhança por tal fato. Dessa forma, conclui-se que os alunos, mesmo com dificuldades de estudar em casa por vários motivos, se esforçam para suplantar esses entraves.



**Figura 5:** Gráfico representando as respostas dos alunos da 5ª serie B.3. Fonte: Silva, 2009.

Na busca do entendimento sobre a relação dos alunos com a disciplina, a aula, e o livro didático de Geografia, questionou-se aos estudantes se gostavam das aulas (ver a figura 6). Vinte e quatro estudantes responderam que gostavam da disciplina, pois a consideram muito fácil, porém um dos alunos justificou sua resposta positiva, levando em consideração o fato de ser uma matéria decorativa. Outros alunos responderam não gostar e atribuíram tal motivo ao fato de ser uma matéria chata. Uma hipótese a ser levantada é a possibilidade de tal fato estar relacionado com a prática didática pedagógica da professora, pois o número de alunos que avessos às aulas de Geografia da professora é de 13 - colado àqueles que não gostam da referida disciplina (12 estudantes).

Com relação ao livro didático, este é aceito pela maioria dos alunos entrevistados (29 alunos), sendo difícil de apreender os motivos dessa grande aceitação, porquanto a maioria não justificou os porquês e as justificativas coincidiram com as respostas do tipo “porque é bom” ou “porque é legal”. Já os estudantes contrários ao uso do livro (oito alunos) não justificaram suas respostas.



**Figura 6:** Gráfico representando as respostas dos alunos da 5ª serie B. Fonte: Soares, 2009.

Analisou-se qual é a percepção dos alunos acerca do ambiente escolar. Foi perguntado se gostam da escola, como também o que eles não gostam, e o que a escola deveria ter. A maioria dos alunos, correspondente a 34, respondeu gostar de estar na escolar, pois o referido espaço é onde se “aprendem as coisas”. Os que não gostam da escola tiveram suas respostas relacionadas à aversão ao diretor e às brigas que ocorrem entre os colegas. Já em relação ao que eles gostariam de haver na escola, a maioria dos alunos respondeu: “uma piscina para a prática de atividades de lazer”.

A aplicação deste questionário com os alunos expõe uma preocupação, consistente na dificuldade de entendimento das perguntas e principalmente, das deficiências no desenvolvimento da escrita, fato demonstrativo das falhas no ensino primário público, persistentes ao longo dos anos.

Em razão dos resultados obtidos com tal atividade realizada com os alunos, percebeu-se como ocorreu a constituição e o desenvolvimento das relações cotidianas dos alunos no ambiente escolar, como também algumas dificuldades que, provavelmente, se enfrentará na prática docente, como, por exemplo, fazer o ensino da disciplina de Geografia torna-se atrativo e útil, relacionando-se primordialmente, ao cotidiano dos alunos. A esse respeito Napolitano (2003, p.45) alerta:

[...] ser um pesquisador, no caso do profissional do ensino fundamental e médio, implica deter autonomia intelectual. Ou seja, o professor deve ser capaz de organizar o seu curso e planejar novas experiências e projetos de aprendizagem sem depender de uma fonte

exclusiva, como por exemplo, o livro didático. Possuir autonomia não quer dizer “trabalhar isolado” ou desconsiderar as fontes de referências bibliográficas, mas saber se movimentar no universo dos livros e correntes de pensamento que constituem o patrimônio intelectual e científico das diversas disciplinas e áreas do conhecimento.

Para obter-se a formação do estudante no plano do Ensino Fundamental e Médio, na perspectiva crítica, torna-se imprescindível repensar a prática docente, considerando-se a ideia de o professor se constituir como agente mediador das relações entre estudantes e conhecimentos. Para isso ocorrer, é necessário na sua formação inicial, propiciar-lhe a oportunidade de ter uma visão crítica sobre a organização do espaço geográfico, proporcionando o domínio dos conteúdos ensinados e a capacidade de refletir sobre o próprio exercício docente.

### **Considerações Finais**

Em virtude do desenvolvimento do trabalho, foi possível vivenciar como se constitui o ambiente escolar, porquanto se realizou análise acerca das relações entre alunos, professor e escola, permitindo aos estagiários mergulhar no mundo da escola e buscar o melhor entendimento da feitura desse espaço, conhecendo melhor os agentes que o compõem.

Dentre os fatores importantes como parte desse estágio, a convivência com a professora polivalente, responsável pela disciplina de Geografia, foi marcante considerando haver sido possível perceber suas falhas ao ministrar a referida disciplina. Tal deficiência está entrelaçada aos fatos de não possuir formação inicial nessa especificidade de sentir muitas dificuldades em lecionar tal disciplina. Isso reflete na maneira como o conteúdo é propagado, marcado pela insegurança e de forma enfadonha motivada pelas quais os alunos são desmotivados, pois são sempre submetidos às mesmas aulas. Ainda se exprime o fato de não haver a participação da família no acompanhamento do aluno, deixando para a escola toda a responsabilidade de educar.

A disciplina Estágio Supervisionado I mostrou-se de grande importância, pois as atividades de acompanhamento foram realizadas na escola, o que propiciou conhecer e entender o ambiente escolar antes de começar oficialmente a ministrar aulas como professores formados. Mediante os relatos de algumas falhas verificadas no ensino de

Geografia, é possível refletir acerca da formação inicial em licenciatura, com a seguinte indagação: como o professor deve formular e reformular sua práxis professoral?

### **Referências**

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002. 127p.

CEARÁ. **Projeto Político-Pedagógico** da Escola de Ensino Fundamental e Médio Félix de Azevedo. Fortaleza, 2005. 163p.

LANDIM NETO, F.O. & DIAS, H.L. “Mapas mentais e a construção de um ensino de Geografia significativo: algumas reflexões”. **Geoaraguaia**, Barra do Garça. v.1 n.1, p. 01-12, jun 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. A construção da escola publica: avanços e impasses. In: LIBÂNEO J. C; OLIVEIRA, João Ferreira de. & TOSCHI, Mirza Seabra. (orgs). **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 167-179.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de Geografia**. 2.ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5.ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. Tradução José Carlos Eufrásio. Vila Nova de Gaia (Portugal): Fundação Manuel Leão, 2008.